



TRIBUNA Livre

30
JANEIRO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 02112 - AMARES

A ACÇÃO

da nossa Misericórdia

Há pouco mais de dois anos a nossa Santa Casa da Misericórdia era quase ignorada, pois, se recuarmos um pouco mais, era mesmo ignorada pela maioria do concelho.

Encontrou, porém, quem lhe compreende-se melhor a finalidade e se dedicasse ao seu desenvolvimento. Ainda sem o auxílio oficial viu construída a sua nova sede e alargada amplamente a sua acção.

Entretanto, como aconteceu em tudo, conquistou a admiração daqueles que a conhecem e ela espalha sabendo também quanto preciso ele é no nosso meio em que a pobreza não falta, infelizmente.

Ajudada superiormente, como já o deveria ter sido, a nossa Misericórdia seria a instituição mais progressi-

va do Concelho; mesmo assim e graças à ajuda de muitos o seu património enriqueceu-se bastante, especialmente com o imóvel que é a sua sede.

Num concelho em que, como dizemos, ainda há pouco nada havia, torna-se interessante verificar o seu movimento no último ano assim discriminado:

Consultas—homens 2.765, mulheres 4.088, num total de 6.853;

Visitas domiciliárias — homens 27, mulheres 26, num total de 53;

Curativos — homens 893, mulheres 1.841, num total de 2.734;

Injecções gratuitas — homens 916, mulheres 3.042, num total de 3.958;

Tratamentos pelos agentes físicos—homens 142, mulheres 395, num total de 537:

(Continua na 4.ª página)

Assembleia Geral da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo.

Realizou-se, no passado sábado, a assembleia geral da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo a que presidiu o sr. João Barbosa de Macedo, presidente A. G. daquele organismo.

Feita a leitura do relatório e contas da direcção, verificou-se que aquele organismo tem neste momento emprestados mais de 8.000 contos e que a instituição apresenta considerável saldo.

A assembleia geral aprovou o relatório e contas e um louvor à direcção e ainda um voto de pesar pelo seu sócio n.º 1 sr. José Maria da Silva Abreu.

Finalmente a assembleia, por aclamação reelegeu a actual direcção de que fazem parte os srs. Joaquim José de Macedo, Paulo Barbosa de Macedo e José Joaquim da Costa Azevedo.

De Gaulle não compreendeu a lição de Salazar sobre a África, afirma-se numa Revista Francesa

«O Presidente Salazar apresentou sem equívocos os problemas da África, no seu aspecto internacional. A sua advertência iria ressoar longamente na inteligência dos que não perderam nem o sentido das vastas perspectivas históricas, nem a convicção da superioridade da civilização ocidental, nem o sentido imperial» — escreve Jacques Ploncard d'Assac, em artigo de página, que a revista «C'est — à — dire» publica sob o título «A África preocupa Salazar» e em que se analisa e comenta o discurso em que o Chefe do Governo português se referiu, detidamente, aos actuais problemas da África.

«Quis a infelicidade — prossegue d'Assac — que o homem mais bem colocado para modificar o curso da História na África fosse incapaz, por

motivo da sua adesão o ideias nacionalitárias, de compreender o sentido e o alcance da lição de Salazar. O general De Gaulle — esse Le Fayette da Segunda Revolução Francesa — pensava, nesse ponto como os norte-americanos. Acreditava no sentido da História, acreditava nessas fórmulas que Salazar declarou que seriam fatais.»

«E Jacques Ploncard d'Assac prossegue:

«Ao referir-se à obra de compreensão e de afectividade humana que tem criado, através de gerações, uma comunidade de vida inter-racial de inapreciável valor, o Presidente Salazar definiu aquilo de que Portugal foi capaz e em que mostrou o seu êxito; mas não podia deixar de sentir o vento gelado que soprava em torno das cristandades lusitanas.

«Alguns espíritos superficiais julgam-se a salvo da política africana nacionalitária de De Gaulle, afirmando que com os territórios portugueses o caso será diferente.

«Outros de melhor raciocínio, interrogam-se sobre a sorte das Províncias africanas no dia em que a Comunidade francesa venha a desmembrar-se em doze repúblicas negras

(Continua na 4.ª página)

Um grande mestre é como considero

SALAZAR

Afirmou o dr. Inácio de Andrade, antigo Chefe do Governo da Colombia

«Admiro muito Salazar e considero-o um grande mestre em jurisprudência pública e um magnífico realizador no campo social» — afirmou ao «Diário da Manhã» o Padre Inácio Luis de Andrade, que depois de quarenta anos de carreira política no seu país, onde ocupou os mais altos cargos se ordenou sacerdote há cerca de um mês.

O Padre Inácio de Andrade foi Chefe do Governo da Colombia.

Nas suas declarações, o Padre Inácio de Andrade disse:

«O mundo atravessa, neste limiar de 1960, uma hora difícil, cuja solução ainda não se adivinha no horizonte. A única certeza destes momentos é de que só há uma política de salvação: aquela que acatar as leis de Deus, servindo Cristo e a Sua palavra».

Referindo-se à sua recente ordenação, salientou a sua satisfação por usufruir, finalmente, da paz interior que o mundo não pode dar. Mais adiante disse:

«Logo que foi ordenado, resolvi vir rezar a Fátima. Assim, começaria pela melhor forma a minha vida religiosa.

Na Mensagem de Fátima encontra-se o caminho a seguir para salvar a Humanidade».

Depois de largamente ter realçado o sentido e as realizações da política portuguesa e analisado os perigos do comunismo, o Padre Inácio de Andrade afirmou que Portugal fora o primeiro país a empreender a luta contra o comunismo. E acrescentou:

«Na palavra de Salazar evidenciam-se as linhas de rumo indicadas pelos Pontífices nas Encíclicas Sociais. Creio ver nessa posição, que mostra ser, e é, inalterável, a causa fundamental do êxito obtido por Portugal na luta contra o comunismo e todas as outras ideologias materialistas, que supõem poder substituir Deus por mitos.

«Um grande Mestre é, em resumo, como eu considero o prof. Oliveira Salazar.»

GRANDE FEIRA FRANCA E CONCURSO PECUÁRIO

DE GADO

Bovino Barrosão, Leiteiro, e Suino

A Realizar no Largo D. Gualdim Pais-Amares em 7 de Fevereiro de 1960

No dia 7 do próximo mês de Fevereiro, realiza-se na sede do concelho de Amares, a grande feira franca anual de gado que, como é de tradição, regista sempre enorme concorrência e dá motivo a muito importantes transacções. Como de costume a Feira Franca é valorizada com um Concurso Pecuário, promovido pelo Grémio da Lavoura do concelho e que é subsidiado pela Câmara Municipal, pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários e pela Federação dos Grémios da Lavoura de Entre Douro e Minho, e conta com a assistência técnica da Intendência de Pecuária de Braga. Ao concurso será admitido gado suino e gado bovino Barrosão e leiteiro, estabelecidos 36 prémios com um valor total de muitos mi-

lhares de escudos. A inscrição é gratuita e deve ser feita até às 12 horas do dia designado para o Concurso, na sede do Grémio da Lavoura de Amares, onde são fornecidos todos os esclarecimentos sobre o respectivo Regulamento, etc. A classificação será feita por um júri presidido pelo sr. dr. João Beleza Ferraz, Intendente de Pecuária do Distrito de Braga, em representação da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários e por mais dois médicos veterinários nomeados pela mesma Direcção-Geral, pelo veterinário municipal e por um delegado do Grémio da Lavoura. As chamadeiras que se apresentem com trajes regionais, também cabem prémios que serão atribuídos por sorteio. (Continua na 4.ª página)

O Ministro da Presidência foi recebido pelo Santo Padre e conferenciou com membros do Governo

O Ministro da Presidência, dr. Pedro Teotónio Pereira, visitou, hoje, dirigentes governamentais italianos, no segundo e último dia da sua visita particular a Roma.

O Ministro esteve primeiro no Quirinal, residência do Presidente da República italiana, Giovanni Gronchi.

Avistou-se também com o Chefe do Governo, António Segni, e com o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Giuseppe Pella.

Ontem, o dr. Pedro Teotónio Pereira visitou o Santo Padre. Foi a única audiência privada que Sua Santidade resolveu conceder a visitantes durante a realização do actual Sinodo Romano.

TRIBUNA AGRÍCOLA

A LEpra DO PESSEGUIERO

Podendo atacar também a amendoeira e mais raramente o damasqueiro, a lepra do pessegueiro aparece todos os anos na Primavera, prolongando-se os seus ataques até meados do Verão e causando prejuízos maiores ou menores.

Como consequências directas temos a deformação dos frutos que perdem o seu valor no mercado e a diminuição da produção por motivo da queda de grande parte dos frutos atacados.

A lepra do pessegueiro provoca também a queda prematura das folhas, sendo normal as árvores produzirem, durante o Verão, novas folhas—geralmente estas escapam aos ataques da lepra—que se formam à custa das suas reservas já depauperadas, verificando-se ao fim de alguns anos a debilitação das árvores que passam a vegetar mal, a ser mais sujeitas aos ataques de outras doenças e a produzir pouco em quantidade e mau em qualidade.

Nos viveiros, as deformações causadas nas árvores pelos ataques de lepra podem fazer com que estas percam todo o seu valor no mercado.

Por todas estas razões, facilmente se compreende que os cuidados a dispensar aos pessegueiros para evitar a lepra não devem ser descurados.

Sintomatologia da doença

A lepra do pessegueiro ataca as folhas, os ramos, as flores e os frutos.

É, porém, nas folhas que o ataque se torna mais evidente pelas deformações profundas que nelas causa.

No princípio da Primavera, quando as folhas começam a desenvolver-se observa-se na sua página superior a formação de «inchaços» ou empola-

mentos, isolados ou reunidos, que as deformam completamente. Como consequência destes empolamentos as folhas encarquilham-se, a c a b a n d o por cair.

Muitas vezes o encarquilhamento das folhas provocado pela lepra é confundido com o causado pelo ataque de piolhos sendo, no entanto, fácil a distinção.

Neste último caso a cor verde da folha mantém-se e na página inferior observa-se grande número de piolhos; na lepra, os empolamentos das folhas, a princípio amarelados, acabam por tomar uma coloração vermelho escuro.

Os tecidos das folhas, nas zonas empoladas, perdem a sua constituição normal, hipertrofiando-se (o que dá origem, justamente, aos empolamentos), ficando mais espessos, como que endurecidos, perdendo a sua flexibilidade.

Aos empolamentos observados na página superior das folhas correspondem concavidades na página inferior que podem servir de abrigo a piolhos ou outros insectos.

São mais graves os ataques no cedo do que no tarde. Nos primeiros as folhas ficam completamente deformadas, mais pequenas do que o normal e os ramos que as suportam não se desenvolvem, do mesmo modo, normalmente; nos segundos, as deformações não ocupam toda a superfície foliar nem aparecem em todas as folhas.

Os pecíolos podem ser atacados ficando igualmente deformados.

Os lançamentos novos, de textura ainda herbácea, sofrem também o ataque da lepra podendo engrossar todos por igual ou irregularmente. Crescem pouco, os entre-nós ficam curtos formando-se assim as

folhas próximo umas das outras aparecendo então o aspecto das folhas em roseta.

As flores atacadas apresentam ligeira hipertrofia.

Os frutos nem sempre são castigados havendo porém anos em que grande número deles apresentam uma espécie de «opamento» de parte da sua superfície, opamento esse de contorno irregular que acaba por tomar aquela mesma coloração vermelho escuro das folhas.

Os frutos ficam deformados podendo ainda dar-se o rachamento daquelas manchas.

Agente causador da doença

O organismo que causa a lepra do pessegueiro é um fungo constituído por um micélio (conjunto de filamentos chamados hifas) ramificado e tabicado que vive entre as células dos tecidos parasitados.

Por debaixo da cutícula das zonas infectadas o fungo forma uma camada especial de células donde saiem uns corpos cilíndricos, bicelulares—os ascos. Cada asco, espécie de saco, contém oito esporos ou esporos—os ascósporos—que podem, ainda dentro do saco, dar origem a outros esporos que acabam por enchê-lo completamente.

Estes segundos esporos, chamados conídeos, são lançados para o exterior por rutura do asco, espalhando-se à superfície dos tecidos deformados que ficam cobertos por uma espécie de pó branco-rosado, facilmente visível.

Os conídeos (conídeos primários) podem ainda dar origem a outros conídeos (conídeos secundários) alguns dos quais são altamente resistentes às condições adversas do meio.

Os conídeos transportados pelo vento ou pela chuva caem sobre as árvores, hibernando nos gomos ou nas anfractuosidades da casca dos ramos, germinando na Primavera seguinte, na altura da rebentação, reproduzindo a doença.

Durante muito tempo supôs-se que o próprio micélio do fungo poderia permanecer vivo nos ramos, durante o Inverno, infectando na Primavera seguinte os gomos. Embora não esteja completamente posta de parte esta hipótese a verdade é que mesmo que ela se dê o papel do micélio hibernante na propagação da doença de um ano para o outro é muito pequeno.

Quanto aos ascósporos e

A acção das minhocas no solo

Quase toda a gente desconhece que a minhoca é um animal utilíssimo à agricultura.

A minhoca tem no solo uma acção mecânica, abrindo galerias por onde facilmente penetram as raízes das plantas em busca de água e elementos nutritivos, e uma acção muito mais importante, a que poderemos chamar fisiológica que consiste em intro-

conídeos que ficam nas folhas atacadas e caídas no chão parece não serem capazes de suportar os rigores do Inverno.

Portanto, são considerados como fonte principal das infecções primaveris os conídeos que abrigados pelas escamas dos gomos, germinam na Primavera seguinte.

Condições favoráveis ao desenvolvimento da doença

A maneira como o tempo corre na altura da rebentação tem uma influência enorme no desenvolvimento da doença.

Primaveras frias e húmidas favorecem aquele desenvolvimento não só porque a sensibilidade das árvores à doença é aumentada como se verifica a humidade necessária para se dar a germinação dos conídeos; pelo contrário, quando a Primavera corre seca e quente não são de temer os ataques da lepra.

Abaixo dos 10° o fungo não se desenvolve; à volta dos 20° encontra-se a temperatura óptima para o seu crescimento; a partir dos 26 a 30° o fungo não tem condições de vida.

Estas temperaturas máximas explicam, talvez, a razão porque as folhas nascidas durante o verão escapam geralmente aos ataques de lepra.

Meios de combater a doença

O primeiro cuidado a ter consiste em eliminar, na altura da poda, todos os ramos atacados queimando-os ou enterrando-os.

Sendo o pessegueiro uma espécie muito sensível aos produtos cúpricos não se devem realizar tratamentos à base destes durante o período de actividade vegetativa.

Segundo alguns autores bastará, para combater eficientemente a lepra, um único tratamento, no Outono ou Inverno, com uma calda bordeleza a 3,0°.

No entanto a vizinhança de árvores não tratadas será suficiente para que na Primavera,

Continua na 4.ª página

duzir no seu aparelho digestivo detritos orgânicos—restos de plantas ou animais—e partículas minerais finíssimas—partículas de argila—associando tudo intimamente e formando o que se chama o complexo argilo-húmico.

Conseguir que se forme num solo o complexo argilo-húmico deve ser a aspiração máxima do lavrador, pois esse complexo constitui a própria essência da fertilidade. De facto, essa associação íntima de humus e argila é rica simultaneamente em elementos minerais, de que se alimentam as plantas, e em matéria orgânica, essencial à vida dos microorganismos, garantindo assim uma boa estrutura do solo, e portanto um bom comportamento deste em relação à água: o solo não se encharca quando chove nem endurece de mais a do quando seca. E, enquanto que o estrume é rapidamente decomposto, o complexo argilo-húmico só muito lentamente é destruído.

É por isso que em certos países da Europa se está procurando fertilizar as terras directamente com o complexo argilo-húmico, em vez do estrume de curral. Para esse fim, o estrume produzido pelo gado da propriedade é disposto em camada pouco espessa e misturado com um igual volume de terra argilosa, ao conjunto juntam-se minhocas, retiradas de uma meda antiga. As minhocas vão comendo e associando no seu intestino a argila e as partículas de estrume, até que a maior parte da da camada sofreu esta acção e se tornou pulverulenta. Deita-se então por cima nova camada de estrume e terra, passando as minhocas, que necessitam de ar, à camada superior, que transformam por sua vez. Obtem-se assim uma meda de um pó escuro, quase sem cheiro, que se usa da mesma maneira que o estrume, mas que tem sobre este grandes vantagens.

Todos temos observado que quando um solo contém minhocas é muito fértil, mas perguntar-se-á: o solo é fértil por conter minhocas ou existem nele minhocas por ser fértil? Ambas as afirmações são verdadeiras, isto é, para que as minhocas possam viver são necessárias certas condições de fertilidade—abundância de matéria orgânica e boas condições de humidade—mas uma vez que tenha possibilidade de viver, a minhoca vai criando no solo, aos poucos, as condições ideais para a vida das plantas.

INCÓGNITA

Eu sou... Sabes quem sou, leitor amigo?...
O não. Nem sabes, não, donde é que eu venho.
Não sei — (Nem mesmo eu sei!) — se sou de antanho
A sombra da ventura ou do perigo.

Eu sou uma saudade desfolhada
Ao vento de escabrosa serra.
Há mesmo quem me chame dulcinea
D' alguém que me sonhou pela calada.

Não sei se sou cativo ao pecado.
Apenas vejo espinhos a meu lado,
Que me roubaram sonhos de menino.

Não sei de onde vim, nem onde acabo.
Não sei se sou de Deus ou do diabo,
A minha vida é errar, sem um destino!

Gota d' orvalho.

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Na última carta falei-te de ladrões e de escolas de ladroeira. Para não te enfastiar vou hoje falar-te de política.

A questão Argelina

No momento em que escrevo parece agravar-se a agitação francesa e argelina por causa da demissão do general Massu. Qual a razão da teimosia dos nacionalistas argelinos e franceses? Para mim entendo que se trata de diferenças de pontos de vista dos quais dependerá o futuro político da Argélia. De Gaulle propôs aos argelinos a união política com a França com total igualdade de direitos e deveres dos franceses ou a independência. Julgo resumir-se nisto, mais ou menos, o que o Presidente disse nas três propostas apresentadas. A escolha deveria ser feita pelos argelinos, em plebiscito, segundo os princípios tão apregoados da auto-determinação. Como é sabido, na guerra da Argélia, além da intervenção, mais o menos directa, dos países árabes, anda o dinheiro e os homens dos países comunistas. São estes principalmente que acirram os nacionalismos africanos contra os povos civilizados que, feitos anjinhos, se deixam levar na auto-determinação excitada pe os comunistas, quando a Rússia e a China não aceitam nos territórios submetidos e exercem sobre os respectivos povos a mais cruel das tiranias. De Gaulle apesar do seu patriotismo, parece ter-se deixado influenciar pelos comunistas e seus parentes mais próximos, os socialistas, radicais ou não, e teima na auto-determinação dos argelinos, que os militares e nacionalistas, tanto argelinos como franceses, não querem aceitar, porque entendem, e com razão, que além dos inconvenientes da campanha eleitoral a auto-determinação traria praticamente a independência e a perda total da Argélia para a França. Neste caso, os franceses residentes na Argélia e os argelinos fieis à França, teriam de fugir porque o dia da independência seria para eles a carnificina.

Qualquer pessoa de cultura mediana e livre de paixões admite que a Argélia não deve separar-se da França. Além das razões apontadas, há razões políticas e económicas de grande valor. Assim ligados a França os argelinos passariam a ter um dos níveis de vida mais elevados do mundo.

Separados desciriam à mi-

séria e escravatura tão vulgares nos países mussulmanos. Tarde ou nunca a indústria se desenvolveria como em união com a França. Se me dizes que ficariam com o petróleo de Saará, responderei que a Arábia Saudita, o Iraque e mesmo a Pérsia, não elevaram o nível de vida dos seus povos com a abundância petrolífera que têm... enquanto que para a França a perda desse petróleo seria um golpe irreparável na sua economia e prestígio. Meditando sobre o aspecto político sinto-me tentado a dizer-te que, embora para os interessados pareça inviável e utópico, a defesa e o progresso económico e social da África do Norte e da Europa Ocidental ficariam mais garantidos se os povos brancos da África se unissem à Europa numa comunidade ou Federação.

Dispõe do teu: J. Moreira.
Lago, 27-1-1960.

De Caldelas

Placa Escolar de Sequeiros — Estrada Nacional N.º 205-3.ª — O tempo e a Agricultura.

Caldelas 24. — Foi finalmente mandada colocar pela Direcção das Obras Públicas, as duas placas indicativas da escola primária de Sequeiros, há muito esperadas e que tanta necessidade se reconhecia.

A estrada Nacional N.º 205-3.ª sobretudo a parte que vai de Lamôso à sede do vizinho concelho de Terras de Bouro, está a necessitar, com urgência, duma grande reparação no seu pizo, pois tem pedaços com grandes covas que muito prejudicam os veículos automóveis.

A prolongada invernia que temos atravessado, muito tem prejudicado os vários trabalhos agrícolas da época, sobretudo as sementeiras. A campanha da azeitona está adiantada, tem-se verificado boa produção apesar da perda que se tem verificado com os temporais.

Novos assinantes

Deram-nos o prazer das suas assinaturas os senhores: Inocêncio Virgílio Dias, Laurentino Gonçalves, Domingos da Rocha, António Vieira Tinoco e Domingos da Silva Gonçalves.

Com o maior gosto fizemos as suas inscrições, que muito agradecemos.

Besteiros

Lagar de Azeite

O lagar de azeite, da casa de Banhadouro, pertencente ao senhor Dr. Eduardo Gonçalves, tem tido larga concorrência, vinda de perto e até de longe. Tem tido um optimo funcionamento e o fabrico do azeite é esplêndido e tem renido bem apesar do mau tempo. Tem trabalhado de dia e de noite, estando encerrado aos Domingos para assim respeitar o descanso semanal e o sentido Cristiano do trabalho.

Doente

Tem estado em Lisboa, a tratar da sua precária saúde, a senhora D. Aurora Vieira, que aqui goza de geral simpatia e é digna zeladora do Altar-Mor da Igreja paroquial. Desejamos-lhe um pronto restabelecimento, para assim continuar a viver juntamente com seu marido José da Mota, na sua linda vivenda do lugar da Vila.

Falecimento

Foi aqui muito sentida a morte do senhor Elísio Augusto Martins, o «Elísio Paranhos» porque era muito conhecido e respeitado. Teve um grande acompanhamento de muitas Irmandades e muito povo, tendo officio religioso. A missa do 7.º dia foi muito concorrida. Paz à sua bela alma e condolências bem sentidas a toda a família.

(Continua na 4.ª página)

Proselo

Realizou-se nesta freguesia no passado Domingo dia 24, a festividade a S.º Amaro.

Pelas dez horas deu entrada no recinto a Banda dos B. V. de Amares, às 11 horas teve lugar a missa solene a grande instrumental, ao sermão prêgou o distinto orador, Snr. R. mo P. e Albino José Fernandes Alves, dig. mo Pároco desta Vila.

No final da missa foi dada a bênção do S. S. Sacramento, não se tendo realizado a procissão devido ao mau tempo.

No recinto da festa, encontravam-se em cima dumas mesitas, os tão apreciados figos e os apetitosos tremoços, só o tempo não se prestou para que tudo isso fosse saboreado. O «verdinho» também não teve muita concorrência, pois faltaram os bons apreciadores deste precioso líquido.

Foi esta festividade, abrilhantada pela dita Banda dos B. V. de Amares e pela aparelhagem sonora do Snr. António Dias Paredes, desta Vila.

CAIRES

Tríduo do Sagrado Coração de Jesus

Está a decorrer na Igreja paroquial desta freguesia, o Tríduo anual do Coração de Jesus. As práticas e sermões que têm sido muito concorridos, são feitos pelo distinto orador sagrado, P.º Amadeu Rodrigues Torres (Castro Gil), muito digno secretário do Senhor Arcebispo Primaz e ilustre e insigne poeta. Esperamos que sua Rev. ci. nos mimoseie com a sua sublime inspiração, compondo e oferecendo-nos um hino próprio desta freguesia da Santa Maria de Caires.

Hoje — há o confesso geral, e amanhã — Domingo — a festa anual com missa solene, comunhão geral, procissão eucarística e consagração oficial ao Divino Coração.

Lausperene

Realiza-se nos dias 1 e 2 de Fevereiro, o Sagrado Lausperene, com missas Vespertinas, sermões e solenes horas de Adorações, para todos os lugares da extensa freguesia. O sacristão e as

Rendufe

Realiza-se nesta freguesia no Domingo dia 7 de Fevereiro, a festa em honra de S. Braz.

Será esta festividade abrilhantada pela Banda dos B. V. de Amares e por uma aparelhagem sonora.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Dia 1 — o snr. Dr. Frederico Pedrosa Colona, ausente no Rio de Janeiro e o snr. Júlio Pereira.

Dia 2 — a snra D. Cândida Pedrosa Colona.

Dia 3 — o snr. Manuel Tomé Gonçalves.

Dia 4 — o snr. António dos Santos Freitas.

A todos, desejamos muitas felicidades e o prolongamento desta data por longos anos.

dignas zeladoras, costumam dar a esta festividade, todo o seu entusiasmo, carinho e sacrifício, bem como a longa série de mordomos e mordomas nomeadas para esse fim. Juntamente com o Lausperene faz-se a festa da padroeira, Nossa Senhora da purificação, ou N. S.º da Luz.

Reunião

Antes de partir para a África, o nosso bom e particular amigo senhor Domingos Antunes de Almeida, reuniu no seu novo e lindo palacete, um grupo de óptimos amigos e lhes ofereceu um «opífero» almoço onde nada faltou, e que deu oca-

Continua na 4.ª página

HUMORISMO

Não seguiu a receita

Certo cavalheiro espirituoso achou-se doente e mandou chamar o médico. Depois de o auscultar o doutor recitou e foi-se embora.

O doente leu a receita e deitou-a pela janela fora.

No dia seguinte voltou o doutor e perguntou-lhe se tinha seguido a receita.

— Realmente não a segui — respondeu o doente mal humorado — porque se o tivesse feito teria partido a cabeça no meio da rua.

No Tribunal

Juiz: — O réu tem parentes próximos?

Réu: — Saiba «Vossa Soria» que não.

— Mas o réu respondeu noutro depoimento que tinha pai, mãe e irmão...

— Mas não são próximos; estão em África.

No café

— Deram-te um recado meu?

— Qual? Aquele que mandastes pelo Silva a pedir os cem escudos que me emprestaste?

— Sim. Esse mesmo.

— Não, não! Não me deram o recado.

PÉLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Tribuna do Concelho

Besteiros

Continuação da 3.ª página

lia, mormente ao seu filho Manuel e sua nora Filomena e netinhos.

Aniversário Natalício

No próximo dia 2 de Fevereiro, celebra o seu aniversário natalício, fazendo os seus risonhos 20 anos, a gentil menina Maria Helena Pereira da Mota, filha do senhor Afonso Arantes da Mota a de sua esposa, digna zeladora do Altar de Nossa Senhora de Fátima. Os seus pais, as suas numerosas amigas e colegas e todas as pessoas de bem, lhe desejam muitas felicidades e uma longa vida. Parabéns.

C.

Caires

Continuação da 3.ª página

são a vários brindes de felicitações. Entre os convivas, destacou-se o senhor Martins, sócio da firma: Martins & Almeida, de Luanda, e sua Ex.ma Esposa, o senhor Faria de Dornelas, toda a família do padrão, do Freixeiro, de Goães e São João da Balança — e vários sacerdotes. Foi uma festa muito alegre, embora repassada por uma comovente saudade por ser festa de despedida. Desejamos ao bom amigo, senhor Domingos, a sua Ex.cia Esposa, filhos e demais família, um futuro sempre longo, próspero e feliz.

Doentes

Encontra-se numa casa de saúde, em Braga em cuidadoso tratamento, o senhor Júlio Baptista, do Paço, que, felizmente já se encontra

A acção da nossa Misericórdia

Continua na 1.ª página

Lactação a crianças pobres — 387. Vacinações 1.277. Tomados estes números verifica-se que o total de assistidos é de 15.799.

Com poucos rendimentos, tendo simultaneamente de tratar de conseguir a sua sede e de distribuir os seus benefícios, temos que concluir que isto é muito e se deve também, em grande parte, aos serviços gratuitos dos seus médicos, cuja direcção está entregue ao sr. Dr. Eduardo Gonçalves, sob vários aspectos o grande servidor desta magnífica instituição.

Mas é preciso ir ainda mais longe. E preciso é, em primeiro lugar, que as ajudas venham de onde devem até porque se não compreende o contrário, quer pela acção do organismo, quer pelos sentimentos dos membros da Mesa, a bem merecerem não serem desacreditados pelos serviços sempre prestados e que até no futuro só eles podem prestar dentro do concelho.

Tudo indica e nos dá a esperança de que este organismo há-de em breve ver os seus serviços aumentados de maneira a completar a sua acção. Há obras que não podem passar e esta, a mais social e humana, certamente que desbaratará as dificuldades e será o que todos querem que seja — a casa dos que precisam.

melhor — e no seu leito, no lugar da Cruz, a senhora Maria de Jesus da Silva Almeida; que inspira grandes cuidados e apreensões à família. Desejamos-lhes pronto restabelecimento.

C.

GUERRA

Há guerra no mundo não sei para quê?
Porque não há paz e Irmandade
Se todo o mundo se entendesse
Em todo o mundo haveria Felicidade.

Porque há guerra? Pergunto eu!
Lutam e lutam qual a razão?
O resultado é sempre terrível
Chegando a matar-se irmão a irmão.

Quantas velhinhas chorando
Já não tem ganha pão!
Caminhando ao Deus dará
E dormindo sobre o chão.

Ó meu Deus para que há guerra?
A guerra que vem do mal
Senhor graças te dou
Pela Paz de PORTUGAL.

Tancos 20/1/1960

José Silva

Feira franca e concurso pecuário em Amares

(Continuação da 1.ª página)

Prémios

GADO BOVINO

Raças de carne e trabalho
Raça barrosa

1.ª Classe — MACHOS

1.ª Secção — Touros Reprodutores
(De mais de 18 meses, com o 1.º desfecho)

1.º prémio . . . 150\$00
2.º prémio . . . 100\$00

2.ª Secção — Novilhos Castrados
(Juntas sem desfecho)

1.º prémio . . . 100\$00
2.º " . . . 50\$00

1 sorteio de 20\$00 para as chamadeiras com traje regional

3.ª Secção — Novilhos Castrados
(Juntas com o 1.º desfecho)

1.º prémio . . . 100\$00
2.º " . . . 50\$00

1 sorteio de 20\$00 para as chamadeiras com traje regional

4.ª Secção — Bois de Trabalho
(Juntas dos 3 anos de idade)

1.º prémio . . . 200\$00
2.º " . . . 100\$00
3.º " . . . 50\$00

3 sorteios de 20\$00 cada um para chamadeiras com traje regional

5.ª Secção — Bois de Ceva
(Juntas)

1.º prémio . . . 300\$00
2.º " . . . 200\$00
3.º " . . . 100\$00

3 sorteios de 20\$00 cada um para chamadeiras com traje regional

2.ª Classe — Fêmeas

1.ª Secção Novilhas
(Juntas sem desfecho)

1.º prémio . . . 100\$00
2.º " . . . 50\$00

1 sorteio de 20\$00 para as chamadeiras com traje regional

2.ª Secção — Novilhas
(Juntas com o 1.º Desfecho)

1.º prémio . . . 100\$00
2.º " . . . 50\$00

1 sorteio de 20\$00 para as chamadeiras com traje regional

3.ª Secção — Vacas de Criação e Trabalho
(Juntas com o 1.º parto ou 2.º desfecho)

1.º prémio . . . 150\$00
2.º " . . . 100\$00

2 sorteios de 20\$00 cada um para chamadeiras com traje regional

Raças Leiteiras
Raça Holandesa, Turina e seus cruzamentos

2.ª Classe Fêmeas

1.ª Secção — Vacas Leiteiras
(com o 1.º parto ou 2.º desfecho)

1.º prémio . . . 150\$00
2.º prémio . . . 100\$00
3.º " . . . 50\$00

2.ª Classe — Fêmeas

1.ª Secção — Porcos de Criação
(Afilhadas)

Prémio único . . . 50\$00

2.ª Secção — Porcos de Criação
(Alfeiras)

Prémio único . . . 50\$00

Lerpa do pessegueiro

(Continuação da 2.ª página)

faça com que as árvores tratadas no Inverno sofram do mesmo modo o ataque da lepra.

Outros autores recomendam apenas um tratamento único, na altura em que os gomos começam a inchar, com uma calda a 1,0% ou 1,5%.

Outros ainda aconselham o emprego de enxofres para o tratamento durante o período de actividade vegetativa.

O esquema de tratamentos ideal será aquele que inclua estas três modalidades e assim, aconselha-se:

—No Outono, antes da queda das folhas mas o mais tarde possível uma pulverização com a calda bordeleza a 3,0%.

—Na Primavera, antes do abrolhamento, quando os gomos começam a inchar, uma pulverização com calda bordeleza a 1,0%.

—Depois do abrolhamento, se se reconhecer necessário pode executar-se um tratamento com uma calda de enxofre molhável ou coloidal.

Sempre, porém, que as condições económicas não justifiquem a execução deste esquema completo de tratamentos deve optar-se pelo tratamento único, na Primavera, com uma calda bordeleza a 1 ou 1,5%.

Mas a eficácia dos tratamentos depende em grande parte da maneira como a pulverização é executada devendo sempre procurar-se cobrir tão completamente quanto possível, toda a superfície dos ramos e folhas.

Os tratamentos devem ser feitos com pulverizadores de alta pressão e durante tempo sereno e seco.

De Gaulle não compreende a lição de Salazar

(Continuação da 1.ª página)

independentes, e em que o Congo Belga e a maioria dos territórios britânicos, arrastados no mesmo turbilhão, sejam presa dos apetites conjugados do alto capitalismo e da Internacional comunista.

«Não que o perigo, para os portugueses, possa vir do interior. Salazar sublinhou, justamente, que uma constante histórica do Ultramar português é que, livres de influências estrangeiras, os portugueses, seja qual for a sua raça ou cor, não costumam entrar em conflito e seguem o seu caminho de paz.

«Mas é fácil imaginar quais seriam as pressões exercidas do exterior, tanto mais que todas as forças ocultas que juraram abater o regime nacionalista-corporativo de Lisboa dariam uma ajuda a qualquer acção subversiva na África portuguesa.

«Embora a posição portuguesa mantenha os direitos e as possibilidades da Europa na África e justifique a atitude de dos que combatem a política nacionalitária de De Gaulle e lhe opõem os benefícios da política imperial, ela não poderá, ao fim e ao cabo, salvar sozinho as possibilidades da Europa na África. E já será bom que ela consiga salvar as posições limitadas de Portugal.

«A verdadeira batalha jogase em Paris.»

Quando os ataques da lepra tenham sido intensos, com abundante queda de folhas, deverão ser dispensados às árvores cuidados culturais que as ajudam a reconstituir-se nomeadamente, fertilizações.

Já não é um acontecimento fazer-se um lato com 2,25 de fazenda, mas sim uma realidade que se confirma dia a dia. E se V. Ex. é dos que ainda duvida? Então visite.

ALFAIATARIA BELCORTE

José Eduardo Macedo Gonçalves
Alfaiate diplomado em obra de
Senhora, homem e criança

Nesta casa tem V. Ex. ao seu dispor grande e boa colecção de fazendas nos mais bonitos padrões e nas melhores qualidades. Visitar esta casa é ter a certeza de visitar bem.
N.B. Brevemente inauguração de novas e modernas instalações.

B. Corte — Amares



CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 Braga

BELOJÓRIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

(CONTINUAÇÃO)

* * *

Há muito que passou da dezena, e depois dobrou mesmo a centena de contos, o produto das ofertas de muitos milhares deromeiros que aqui concorrem nos dias certos das festividades e fora delas, por toda a roda do ano que, principalmente ao domingo, é ponto obrigatório de visita e de excursões constantes.

No vastíssimo terreno, aberto a fundo do vale apertado entre as montanhas, desagua, de modo especial na rotação de Agosto, um mar de gente que aí aflui por todos os cominhos e carreiros que escorregam pelas íngremes encostas, enquanto pelo leito das estradas, utilizando os meios da moderna locomoção, se despeja às carradas uma torrente infindável de forasteiros, tal qual mais abaixo vem agora juntar-se, de todos os córregos e ribeiros da serra ou pelo leito caudaloso dos rios confluentes, a massa líquida da volumosa albufeira da Caniçada, a qual banha os pés deste grandioso santuário.

A saúde e a alegria acompanham estas ruidosas manifestações de fé e devoção que criaram a fama imperecível das encantadoras romarias do Minho, conhecidas dentro e fora das fronteiras pelo cunho incomparável do seu fulgor, do contentamento franco e sincero que anima as populações nos grandes arraiais de fama tradicional.

O povo dos campos ama de mui longínqua data estas amanhadas de fé que põem à prova a sua robustez física e moral, a sua enorme confiança nos seus santos protectores, advogados celestiais nas enfermidades e, de modo geral, contra todas as adversidades da vida terrena.

É que, nestas ocasiões, sempre a alegria contaminou os novos e velhos. O lavrador apesar de tão zeloso de seus trabalhos agrícolas no aproveitamento de águas de rega, entrega nestas alturas tudo à Providência. Quase ninguém fica em casa; «Os dias não são todos uns — nem sempre de arado, nem sempre de arado.» Com efeito, ele sabe, pelo costume, que, senão no mesmo dia, logo depois chove muitas vezes a cântaros para lavar os terreiros... e tudo vai abalada para a romaria.

Ainda vem longe no repertório do tempo o desejado dia, e já a sua lembrança traz irrequieta, no estrear de roupas novas, a gente moça que aí encontrou os únicos meios de uma legítima recreação, ontem mais que hoje, que já distribui por outros divertimentos, às vezes menos são, as energias da mocidade.

E a romaria começa em casa, a léguas do santuário, pelo entusiasmo das madrugadas, da atracção das companhias, do arranjo dos farneis, em cuja confecção entram as melhores peças da salgadeira e da capoeira, reservadas para este fim e serem saboreadas à sombra da árvore frondosa que espera de ano para ano; a ouvir o estalejar do foguetório, os acordes da música, os descantes no arraial. O cesto à cabeça, a cabaça ou garrafão de vinho às costas enfiado no braço, a acompanhar o homem do campo para toda a parte, às vezes pendurado na parte traseira da gola do casaco, a servir de cabide; a pandeireta nas unhas, a violão ou o cavaquinho a tiracolo; a concertina, os ferrinhos e o tambor para regular a marcha... quebra-se no rumor característico das alvoradas de festa o silêncio habitual das aldeias. Acordam-se e contagiam-se da mesma agitação os vizinhos mais indiferentes e o mesmo movimento opera-se em dezenas de léguas ao redor, que todos os passos e pensamentos se encaminham, convergem para o mesmo centro e lugar comum de encontro: onde não raros peregrinos se vêm por obrigação ir pelo menos uma vez no ano cumprir promessa e confraternizar com amigos e conhecidos de longe, que só aí têm ocasião de ver-se.

E os que vão de mais longe deixam pelos lugares que atravessam o eco da vozaria e das canções dosromeiros, a fundir até nos mais preguiçosos o desejo de romper o exército que leva tudo atrás de si pelo encantamento da imagem; forma-se o cortejo infindável dos ranchos, dos agotes de famílias, de povoações, de freguesias inteiras associadas, como se agrupassem pela mesma ideia e sob a mesma bandeira ou cruz paroquial que as levou outrora, a volta do ano, a capelinhas distantes a obrigatoriedade dos clamores, com uma diferença, que neste caso, em vez das ladaínhas, a par de actos de penitência, se revestem ao mesmo tempo do prazer ruidoso das grandes manifestações populares da gente minhota, que sem degenerar de suas

(Continua no próximo número)

Circular n.º 868
21/1/1960

S. R.

Direcção do Distrito Escolar de Braga

Aos Ex. mos Delegados Escolares e ao Público em geral:

Em aditamento à circular desta Direcção n.º 856, de 3-12-1959, se transcreve o seguinte:

«Aos funcionários referidos no art.º 25 do Decreto-Lei n.º 40 964, com a nova redacção que lhe foi dado pelo art.º 2.º do Decreto-Lei n.º 42. 443, não é de exigir a habilitação da 4.ª classe para a continuação nos lugares em que estejam colocados.

Essa habilitação, porém, é indispensável para efeito de acesso, ou promoção, pelo que não deve ser concedido aos que a não possuem, salvo se dela forem dispensados nos termos da parte final do citado artigo 2.º...

Nestes termos, os que hajam sido dispensados da habilitação da 3.ª classe podem manter-se nos lugares que ocupam, mas não podem ser promovidos, nem mesmo se houverem sido dispensados da habilitação da 4.ª classe»

A bem da Nação
O Director,

1.ª Publicação 30/1/1960



SECRETARIA JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

Por este Juizo de Direito, nos autos de execução sumária que o exequente Amador Diz Amaro, casado, comerciante, residente no lugar do Outeiro, freguesia de Vilar move contra os executados José Trindade dos Santos e mulher Isabel da Conceição Nogueira da Costa Trindade dos Santos, proprietários, residentes na Avenida Presidente Carmona — Caixa Postal número 419 — Benguela — Angola, correm éditos de VINTE DIAS, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados, para no prazo de DEZ DIAS, posterior ao dos éditos, virem à referida execução deduzirem, querendo, os seus direitos.

Vila Verde, 7 de Dezembro de 1959

O Chefe da 1.ª Secção
(Mário Mendes Galinha)

Verifiquei
O Juiz de Direito
(Manuel Alves Peixoto)

CARTA DE RUIVÃES

(Continuação da 6.ª página)

um Sub-posto da Guarda estes abusos podem coibir-se.

A Guadra Republicana é um elemento de ordem, de disciplina e a sua presença e acção muito podem contribuir para se evitarem certos abusos, que são repreensíveis.

Os proprietários poderiam depois, dormir a noite mais sossegados, porque as suas lernas seriam respeitadas.

* * *

Há dias, estive aqui uma Comissão presidida pelo muito ilustre Administrador dos Serviços Florestais de Vieira, a qual veio tratar da organização de Sub-Comissões de procurarem angariar donativos para a construção de um quartel de Bombeiros na sede do concelho, que esteja à altura dos valentes e desprendidos soldados da paz, e dos brtos do nosso concelho.

Sabemos que essa Comissão tem sido recebida de braços abertos em todas as freguesias e temos a certeza que Ruivães não se ficará na concha.

É o bom nome da nossa terra que o impõe e seria impróprio de nós mesmos qualquer esmorecimento nesse sentido.

* * *

Para terminar, visto já vir abusando de quem nos ler, daqui enviamos um grande abraço ao nosso querido e velho amigo Senhor Albino António Ribeiro, pela acertada escolha de seu nome para a vereação da Câmara Municipal.

Ruivães pode contar com ele na satisfação das suas justas aspirações que ele muito bem conhece.

Que Deus o ilumine e o ajude.

Ruivães, 24-1-1960.

Amadeu César

AO CÁVADO

— meu fiel amigo —

Vens da Serra do Larouco
Sem parar, tal qual um louco
Em busca do infinito.
E numa prece contida.
Vais rompendo a própria vida
Num rumor sempre bendito.

Vens de longe, muito longe,
Lembras mesmo um santo monge
Em contínua oração.
E trazes nessa toada
Uma remota alvorada
Duma lidima canção.

Corre, corre, rio grande,
Que a tua brisa domande
Os sonhos do sonho meu.
Ó Cávado — terno amigo —
Eu quizera ir contigo
E viver lá no teu céu.

Trás as máguas lá dos montes
Zeva o quixume das fontes
Ciosas de ver o mar.
E junta a esses gemidos
Os meus queixumes perdidos
No teu doce saltitar.

Minha vida é como a tua.
Também contemplo a lua,
Também corro como louco
Em busca dum céu de fadas.
Também conto as alvoradas,
Só não nasci no Larouco.

Corre, que eu fico sôzinho
Sem ter d'algum um carinho
Segue no teu peregrinar.
De pedra em pedra saltando
Sempre com o mar sonhando
Num eterno merulhar.

Parceiro da Eternidade
Leva ao mar, minha saudade,
Diz ao Sol e ao
Céu de mim!
Diz-lhes que sou pobreziinho!
Que me amparem no caminho
Até à vida sem fim!

Jota Carvalho

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA DE VIEIRA

Cartas de Vieira do Minho

Por falta de tempo, é que deixei de escrever para as colunas da Tribuna de Vieira; no entanto, cá volto de novo com algumas notícias de superior importância para, ao mesmo tempo, não passar ao olvido a coluna que esse Semanário nos destina com galhardia e assim manter o grande número de assinantes que tem cá por Vieira.

Pena é, que mais alguém com mais capacidade intelectual e com voz activa nos interesses materiais e até espirituais desta terra tão esquecida, não continue a pôr em relevo as grandes necessidades sempre actuais que bem se poderiam ir remediando com boa vontade de quem tem nisso superintendência.

Porém, continua tudo como antes, tudo morto. O dinheiro dos impostos e contribuições lá vai entrando nos cofres da Tesouraria e o povo queixa-se de que não vê os melhoramentos mais urgentes remediados, embora pedidos há muitos anos.

Todavia, este bom povo, ao saber da nomeação oficial do novo Presidente na pessoa de S. Ex.ª o Snr. Gaspar Sameiro, exultou de alegria, por ver nele, o homem cheio de bondade, sempre atencioso para com o mais humilde camponês e sempre pronto a atender todas as necessidades tanto quanto pode ser.

Deus queira que, durante os anos que lhe confiar as rédeas do Governo deste Concelho, aguente com coragem, todas as dificuldades que irá encontrar na difícil

tarefa que pesa sobre os seus ombros na renovação dum Concelho, e que, os seus colaboradores de mais perto o compreendam e ajudem.

São estes os votos de todos os Vieirenses que se prezam de ver a sua terra engrandecida e governada por homens nela nascidos e por ela verdadeiramente apaixonados, pondo de parte todas as espécies de filantropia e amor próprio.

* * *

Foi com todo o regozijo que os habitantes desta Vila receberam no seu seio, já lá vai mais de um mês, no dia 25 de Dezembro de 1959, a grandiosa, rica e bellissima Imagem da sua Excelsa e Querida Padroeira—a Senhora da Conceição, generosa oferta do Snr. José António de Campos e sua esposa D. Maria Prazeres da Silva.

Apesar da chuva torrencial, o povo acorreu em massa esperar a Veneranda Imagem e assistir à bênção solene em Entre Devesas. Daqui partiu em imponente procissão de Velas para a Capela Provisória de S. José, onde, o sempre incansável pároco P.º Manuel Barbosa de Castro proferiu uma vibrante e entusiástica alocução, saudando calorosamente o grande acontecimento para esta vila e simultaneamente suplicou à Senhora a graça de apressar o dia de Ela subir a outro trono mais digno e que perdoasse não se ter conseguido um palácio para Rai-

nha tão poderosa!

No dia 27 realizou-se a festa que já vinha sendo preparada por uma novena e Tríduo de pregações orientado pelo Coadjuutor do Mosteiro, e actual pároco de São Paio de Eira Vedra, P.º António Lopes, desenvolvendo vários temas sobre o Dogma da Imaculada Conceição.

A festa decorreu num ambiente totalmente religioso, e até ao fim, sem nenhuma nota discordante, apesar de alguém ter mandado a guarda republicana por duas vezes para calar a transmissão do serviço religioso, talvez porque incomodava a consciência de quem não quer saber disto para nada. Começou de manhã com missa e comunhão geral tendo comungado centenas de pessoas, entre muitos homens e rapazes.

A missa solene foi às 11 h. cantada pelo grupo coral de Vieira, que executou primorosamente em polifonia a missa de Nossa Senhora do Sameiro a 2 vozes, do Dr. Manuel Faria, Fruto de tanto trabalho do P.º António Lopes, Coadjuutor de Vieira, que fundou e elevou tão alto um grupo coral para as cerimónias religiosas, mesmo as mais importantes, nesta Vila. De quando em vez, lá se ouviam vários cânticos a 3 vozes em honra de Nossa Senhora.

Terminou com as cerimónias da tarde, e nesta ocasião, mais uma vez o digníssimo Pároco subiu ao púlpito improvisado, para, num eloquente sermão, como poucos ouvido, proclamar as glórias de Maria.

Parabéns à zelosa e tra-

Consta que vai ser desviada a estrada Braga-Chaves, do local por onde passa nesta vila e que esse desvio obedece à rectificação das curvas a que as Obras Públicas estão a proceder.

Tal desvio, aqui, seria a morte certa do comércio e a desolação de todos os seus habitantes.

Há, aqui, edifícios de construção arquitetónica, que os estranhos à terra têm admirado e elogiado, quando por cá passam.

Se tal desvio da estrada se verificasse, ficariam inteiramente ocultos aos visitantes.

Além disso, não ficariam certos que, restaurada a antiga feira de Ruivães, os comerciantes que a ela concorressem tivessem de andar com os fardos às costas, desde a projectada estrada até aos Campos da antiga feira.

Salvo o devido respeito por melhor opinião, o que é tradicional e bom deve manter-se.

Eu sei que combaterei isolado e desajudado, pelo progresso da minha terra; mas defenderei os interesses dela até onde chegarem as minhas forças, aliás

balhadora comissão, que se não poupou a esforços e despesas para que tudo redundasse para maior glória de Maria, sob o título da Imaculada Conceição.

Um muito obrigado do povo da Vila aos doadores da bela Imagem que um dia virá presidir dum trono bem alto aos destinos espirituais desta terra de quem ela é Padroeira querida.

Que Nossa Senhora da Conceição abençoe todos os seus filhos e os cubra um dia a todos sem excepção debaixo do seu azulado manto.

C.

Carta de Ruivães

bem modestas.

As curvas, nesta vila, podem ser rectificadas sem prejuízo Ruivães.

Chamamos, por isso, com respeitosa vénia, a atenção do Ex.º Senhor Director das Obras Públicas de Braga para este caso.

É que nós somos filhos de Ruivães, e temos orgulho de aqui haveremos nascido.

* * *

Consta-nos que vão ser criadas as estações telefónicas de Rôças e Ruivães.

Colocar essas estações da margem da estrada é sem interesses de particulares e primeiro lugar está o bem público.

É de presumir que a Junta de Freguesia esteja atalaia e defenda o que por natureza deve ser defendido.

Os de fora não sabem o que nos é preferível.

Nós é que temos de orientar de esclarecer, mas a tempo horas e não depois de os interesses estarem consumados, que, depois de burro morto

* * *

Também pedimos licença para lembrar à nossa Junta de Freguesia a necessidade urgente da criação, aqui, de um sub-posto da G. N. R., pois os furtos são constantes e a grande distância a que fica o posto da Guarda de Vieira, não permite a esta uma acção verdadeiramente repressiva.

São os cães em plena liberdade, no tempo defeso, destruindo ninhadas de perdizes, luras de coelhos nos montes, são os caçadores de espera lego a matarem a caça, á caça, são os palavrões obscenos, aturdir os ouvidos das crianças, são as aulas de educação, são as aulas educativas; enfim, só

Continua na 4.ª página

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

8.ª— Frey Manoel de Sousa da Silva, Eu El Rey como Governador e Perpetuo Administrador que sou do Mestrado Cavallaria e Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo vos envio muyto saudar. Porquanto tenho determinado passar pessoalmente a Província do Alentejo com o Infante meu muyto amado e prezado Irmão (o sublinhado não é do original) tanto que a ocasião da guerra o pedir, e me deve acompanhar a Nobreza deste Reyno, como he costume, e os Comendadores, e Cavalleiros da mesma Ordem por particular obrigação que para isso tem, vos encomendo muyto, e mando, que com toda a brevidade vos prepareis e esteis promptos ao tempo que vos mandar avizar, com vosso cavallo; e espero de vós o façaes de maneira que tenha eu muyto que vos agradecer, em Lisboa cinco de Mayo de seiscientos sessenta e tres. João de Carvalho de Miranda a fez escrever— E o dia da partida ha de ser em vinte e cinco do corrente = Rey = Antonio de Mendonça, etc.

9.ª— Dom Antonio Felix Machado Amigo = Eu El Rey vos envio m. to saudar = Havendo chegado o Principe D. João meu sobre todos muito amado e prezado filho a idade em que he necessário ser jurado successor destes Reynos e Senhorios, segundo uso e costume delles; fui servido resolver chamar a Cortes para o dia seguinte do mes de Novembro deste presente anno; encomendo vos muito que logo que receberdes esta carta vos disponhais para assistir nellas conforme vossa obrigação, e tendo justo impedimento enviai vossa procuração a pessoa que tenha voto em Cortes, com poderes bastantes para jurar ao Principe e para se declarar, ou derogar a Ley das Cortes de Lamego sobre a successão do Reyno nos filhos do Rey q. succede a seu irmão, por que de sua disposição e má intelligencia podem resultar em tempo futuro inconvenientes que sejam de grande prejuizo e perturbação ao Reyno, e para se resolverem sem limitação os negócios q. nas Cortes se propuserem e respeitarem ao meu serviço e

conservação do Reyno. Escripta em Lisboa a 18 de 7.º bro de 697—Re

* * *

Atenta a deferência, embora formular, com que na penúltima carta el-rei D. Afonso VI tratou seu irmão, infante D. Pedro, haja vista o modo como este lhe correspondeu em acontecimentos subsequentes, sujeitos ao juizo e dedicadeza da História que, por cada vez a maior distância, mais clara meditação requiere nas lições do passado.

Logo na carta seguinte, o mesmo infante, e já então seu suitor com o nome de D. Pedro II, expressamente convida para se justar, a uma situação criada por meios menos naturais, o texto e posições das tão célebres como discutidas Cortes de Lamego, celebradas na igreja de Almacave em 1143, segundo a tradição e o loma que os críticos dizem apócrifo.

No entanto elas foram consideradas como Lei fundamental do Reino nos negócios muito sérios da successão do trono mesmo no da feliz aclamação de D. João IV, depois da quebra dinástica previu por outro documento que andou anexo a este em sentido e sorte—o juramento de D. Afonso Henriques, relativamente ao milagre de Lamego, onde diz: *Dilectus es a Dominó, posuit enim super te et semen tuum post te oculos misericordiae suae usque in sextam cimum generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attentus ipse respiciet, et videbit...*

Entre as demais disposições das Cortes de Lamego se deminara, porém, que, se o rei falecesse sem filhos, logo a coroa pertenceria a irmão seu. Mas os filhos destes não poderiam reinar sem a aprovação do clero, nobreza e procuradores do povo, ou fosse o rei se designa pelos Tres Estados do Reino. Era o caso exacto de D. Pedro II: *Si mortuus fuerit Rex sine filiis si habeat fratrem Rex in vitu ejus, il cum fuerit mortuus, non erit Rex filius et nisi non fecerint eum Episcopi, et procuratores, et nobiles Curiae Rex si fecerint eum Regem erit Rex, si non fecerint non erit Rex.*

(CONTINUA)